

Repetentes enfrentam a falta de estrutura do ensino

Fotos de Renan Cepeda

Eliane Bardanachvili

O estudante Ricardo José Ferreira Braga tem 14 anos, está na 1ª série do 1º grau, quando deveria estar na 8ª, não sabe quantas reprovações já sofreu mas tem uma certeza: quer continuar os estudos e se formar. Realizar esse desejo, ao contrário do que imagina, praticamente não depende dele. "Sou cabeça dura", culpa-se, alheio à precariedade do sistema de ensino de que é vítima e que, na opinião da maioria dos educadores, é o grande responsável pelo atraso nos estudos de meninos como ele.

A verdade é que o brasileiro quer estudar. A despeito das infundáveis repetências, dá valor à escola e faz planos para o futuro. Rema contra a maré de prédios mal equipados, aulas desinteressantes e um corpo docente carente de assessoria, que trava seu caminho.

Levantamento realizado pelo pesquisador do Laboratório Nacional de Computação Científica (LNCC), Sérgio Costa Ribeiro, mostra que os estudantes permanecem em média 8,4 anos na escola — tempo suficiente para completar todo o 1º grau se não fossem presos repetindo interminavelmente as primeiras séries, o que os leva a só cursarem em média cinco séries. "Isso mostra como são persistentes as famílias brasileiras em manter seus filhos na escola", avalia Sérgio.

É fácil pinçar exemplos dessa persistência. Colega da 1ª série de Ricardo, na Escola Municipal Leonor Pereira, na Penha, Zona Norte do Rio, Adriano Quintiliano, 12 anos, apesar de várias reprovações também achou melhor insistir em estudar para poder "ser da Polícia Civil". Uma coisa o atrapalha: queria ser transferido para o turno da manhã para trabalhar com mais tranquilidade à tarde e à noite como entregador de compras do supermercado próximo à escola. "Tem vezes que eu nem ligo pra fazer os deveres e a professora me põe de castigo", confessa.

Barreiras — Dos erros pedagógicos à falta de material, as condições para o estudo são as piores. A Escola Municipal Bernardo Vasconcelos, na Penha, Zona Norte do Rio, estava funcionando até segunda-feira passada em regime de rodízio de faltas, onde a cada dia três turmas faltavam à aula por não haver carteiras suficientes para as crianças sentarem.

Além disso, conviver com problemas como a desestruturação familiar, a falta de comida em casa e a necessidade de trabalhar, trazidos pelos alunos, é uma barreira ainda não ultrapassada pelos professores — na maioria das vezes batalhadores e bem intencionados — e pelo sistema escolar. Esperar encontrar nos pais um apoio para melhorar o desempenho dos alunos é frustração quase certa. Mães trazendo seus filhos puxados pela orelha ou pais xingando as respectivas esposas são cenas comuns na escola.

"A gente não está preparada para atender esse tipo de clientela", admite Maria Stella Coutinho, diretora da Escola Gastão Monteiro Moutinho, em Jacarepaguá, na Zona Oeste do Rio. "Temos a angústia de querer fazer alguma coisa que desperte o aluno, mas não há condições", avalia ela, sonhando com a assessoria de um psicólogo na escola para lidar com as dificuldades individuais dos estudantes e fazê-los render mais.

É todo esse quadro que entrava um aumento



Ricardo José, "cabeça dura"

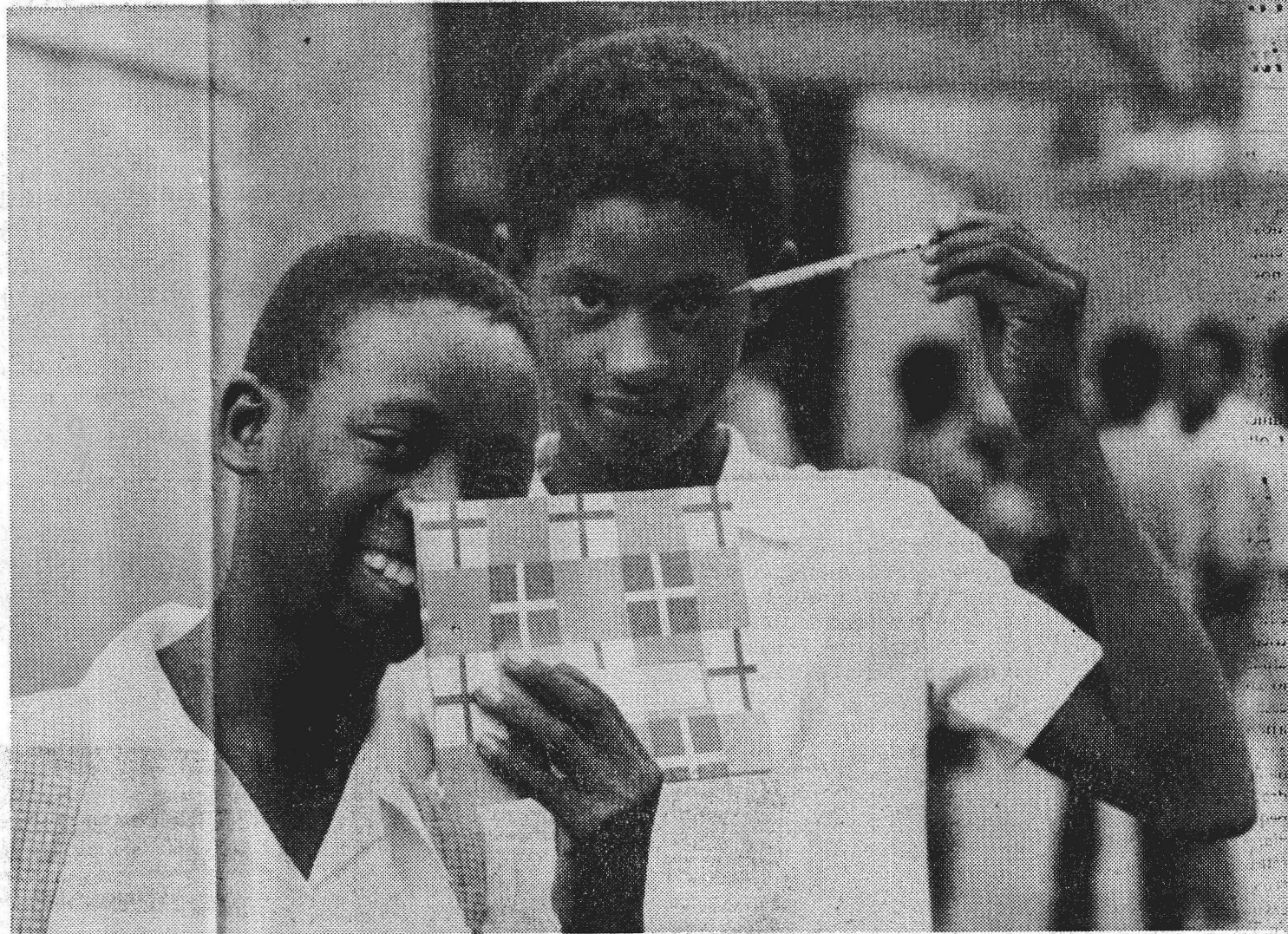
expressivo na escolaridade do brasileiro. Em suas pesquisas, Sérgio Costa Ribeiro conclui que 95% de uma geração entram sempre na escola. Um dado animador se as falhas do sistema escolar não gerassem um índice de repetência, já na 1ª série, de 54%. A evasão só se dá porque, de tanto repetir o ano, os alunos "ficam velhos", o trabalho acaba se tornando mais premente que o estudo e eles saem da escola. Com isso, apenas 40% de cada geração consegue chegar à 8ª série.

Denilson Batista Franco, 14 anos, cursando a 3ª série, quando deveria estar na 8ª, atrasou-se ainda mais nos estudos no ano passado, quando largou a escola para trabalhar como mecânico em horário integral. Agora que deixou o trabalho e apenas carrega água de manhã no bairro onde mora, mostrou que repetente não é incapaz. Ele ostenta orgulhoso os conceitos A (o mais alto) que tem recebido da professora. Mas, resignado, prevê: "Se não passar, faço mais uma vez".

A persistência está relacionada com os planos nem sempre modestos para o futuro. Edinalva Gonçalves Silva, 14 anos, na 6ª série da Escola Bernardo Vasconcelos, sonha com o diploma de advogada. Ela se angustia por estar "muito atrasada" e por querer estudar com pessoas de sua idade.

Na Escola Gastão, Roseneide Espírito Santo, 14 anos, há nove na escola, mas cursando apenas a 4ª série, quer ser "doutora". "Cheguei a pensar em sair da escola, mas sem estudo eu não sou ninguém", analisa. "Eu gostava de faltar aula para andar nas escadas rolantes em Madureira", conta Rose, que trabalha à tarde como arrumadeira. "Agora, estou tentando vir todo dia".

O desinteresse pelos estudos, por parte desses alunos, tem justificativa. "Nós passamos um exercício e os alunos repetentes acham que é bobagem porque já fizeram a mesma coisa no ano anterior. Eu gostaria de fazer algo diferente, mas como?", indaga a professora da 1ª série da Escola Leonor Pereira, Sebastiana Maria Clemente, que tem uma turma só de repetentes, revelando que os professores detectam os problemas mas não têm orientação sobre como agir.



Marcelo Couto (E) e Denilson Franco dividem seu tempo entre a escola e ocupações extras